

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DA ASSIGNATURA

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 13000 rs.; semestre (25 n.º) 300 rs.
FORA D'AVEIRO: anno (50 n.º) 13125 rs.; semestre (25 n.º) 370 rs.

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
Numero avulso 30 rs.
Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

Os impostos

Um ministro, a quem el-rei dispensa a sua confiança, a sua protecção e o seu amor, o sr. Fontes, foi ao parlamento e disse lá:

— As despesas do estado são maiores do que a sua receita; para cobrir este deficit temos recorrido ao empréstimo. Tal solução para taes difficuldades agrava estas e conduz-nos fatalmente á banca-rotta. E' preciso, pois, augmentar a receita, e por isso proponho o unico remedio que pôde salvar a nação: o augmento dos impostos!

Se este ministro não é um charlatão, deve saber, como nós, que em vez de remedio, é uma desgraça a sua ideia.

Estão já demasiadamente sobrecarregados os contribuintes; é pessima, por desigual e anti-economica, a distribuição dos impostos existentes. Mas ponhamos isto de lado. Vejamos só se o paiz tem em si recursos para dispensar o dinheiro que de fóra lhe vinha por meio de empréstimos.

Importamos muitissimo mais do que exportamos, e todavia Portugal não é como a França, onde uma enorme alluvião de estrangeiros vae gastar o seu rendimento. Temos uma divida externa enorme, cujos pesadissimos encargos absorvem a melhor parte da receita do thesouro, e não obstante achamos-nos n'uma situação inteiramente contraria á da França e de Inglaterra, que tem empregados nos paizes estrangeiros os grandes capitães de que recebem o interesse.

O pouco que exportamos tem no valor intrinseco a sua importancia principal, e o muito que os outros paizes nos enviam vale quasi sempre pela mão d'obra, que é o trabalho que pagamos aos estrangeiros, em quanto estes insignificante parte do nosso pagam.

Além do dinheiro que o estado deve e cujos juros paga ás outras nações, ha o que estas empregam nas nossas industrias, d'onde resulta que o interesse que nos devia advir de muitas linhas ferreas e de muitas explorações industriaes e commerciaes mantidas em Portugal pelo estrangeiro, vae todo para este, vae para Paris, Londres, etc.

Emfim do nosso paiz são muito mais dinheiro do que entra, de onde resulta um deficit economico que se tem preenchido até aqui com os empréstimos e com as emprezas estrangeiras que veem a Portugal com os seus capitães buscar o que a nossa incuria não sabe aproveitar.

Os quatro ou cinco mil contos que o Brasil nos dá nunca chegaram para occorrer ás nossas faltas, pois que sempre nos foi preciso pedir emprestado á Inglaterra, á França, á Belgica e á Hollanda, e se chegassem, mal estaríamos tambem. Quando a riqueza de um paiz não provém da sua propria producção, do seu trabalho, essa riqueza é facticia e ficticia; augmenta a desigualdade social, porque se concentra n'um numero restricto de pessoas a quem

o resto da população fica sujeito; faz diminuir a producção, porque cria o parasitismo, e, como se sabe, o que constitue a verdadeira riqueza de um paiz não é o ouro, é o que o seu solo e o seu trabalho produz de necessario á vida. Quando dominavamos o Brasil, tinhamos o ouro n'uma abundancia fabulosa e a nação era pobrissima. A riqueza que a antiga Roma não foi buscar á actividade dos seus habitantes, desmoralizou-a e empobreceu-a. Daes aos portuguezes o ouro que vos pedirem, e elles cairão na miseria e na preversão moral.

Se para vivermos, temos necessidade de ir pedir ao trabalho alheio mais do que os estrangeiros pedem ao nosso, soffremos de um mal que o dinheiro não pôde curar senão illusoriamente. Se para pagarmos aos outros paizes os juros dos capitães que nos emprestaram, precisamos de tirar ao capital das industrias e da agricultura nacionaes mais dinheiro sob forma de impostos, vamos desgraçar os habitantes laboriosos da nação, vamos peorar as condições economicas d'esta, porque enfraquecemos as suas forças productoras.

Esté é o resultado fatal dos novos impostos.

Ora, querendo-se actualisar ao paiz, querendo-se evitar a banca-rotta ou a crise economica para que elle caminha, tem-se que procurar a causa do nosso deficit economico e depois combatel-a. Qual é essa causa? E' o parasitismo social, que não produz e consome e que a monarchia sustenta para ter amigos e defensores. Dar ao exercito a organização forte que elle tem na Suissa, descentralisar as funções do estado para se poder dispensar um funcionalismo numerozo, simplificar os impostos e dividir pelos municipios a sua cobrança, acabar com toda a alta burocracia e pôr termo ao esbanjamento da lista civil — são as unicas providencias que podem salvar-nos, porque ao mesmo tempo que são economias suficientes para equilibrarmos a receita com a despesa, forçam milhares e milhares de homens que consomem e não produzem a produzir para consumir. Só assim se poderá pôr termo ao deficit economico do paiz e ao deficit do estado.

Tudo que não for isto será a prolongação aggravada dos nossos soffrimentos.

SILVA GRACA.

GUILHERME DE AZEVEDO

Finou-se em Paris esse vulto da nossa litteratura, deixando um lugar vazio sem successor indicado.

Temperamento delicado surgiu nas letras como poeta. As *Radições da Noite*, as *Apparições* e a *Alma Nova*, livros hoje raros, deram a medida do seu folego poetico. Na *Alma Nova* encontram-se documentos indiscutíveis de um caminho por descobrir entre nós. Anthero de Quental com o seu grande poder de intelligencia e com a sua valiosissima penna de escriptor consagrou a obra. Guilherme d'Azevedo quebrou as cadeias ro-

manticas, raspon-lhes o envelhecido dourado, fundiu-as, temperou-as, e fez d'ellas uma lamina da justiça humana.

As suas poesias respirando um sadio ar moderno são fortes e dignas.

Um jacobinismo alegre dá-lhes muitas vezes uma feição satyrica. Na preciosa poesia *Os Palhaços*, diz elle:

Eu rio sempre ao ver aquella magestade,
Os tragicos desdens,
Com que nos divertis, cobertos d'alvaiade,
A troco de uns vintens!

Mas rio ainda mais dos histriões burgoezes,
Cobertos d'européis

Que tomam, n'este mundo, em longos entremezes
A sério os seus papeis.

E rio e fez rir muito á custa d'essas almas vãs, consciencias rebocadas!

Toda a sua obra, todos os seus escriptos contém uma forte dose de gargalhada para dissolver o reboco dos histriões burgoezes.

A sua poesia como a sua prosa eram empapadas em bom fluido social. O humorismo era o seu ideal, e como artista cinzelou-o delicadamente.

As suas chronicas são modelos. Todos lhes conhecem os naturalmente ostensivos primores.

Montava no seu estylo como um arabe opulento no seu cavallo, arreiado de marroquim escarlata com franjas e cascaveis de ouro. Em fogosas correrias, em prodigiosas e elegantes curvetas, saltando fossos e sebes, n'uma alegria permanente, executava engenhosas phantasias.

O jornalismo era a sua genial preocupação. Dos muitos periodicos que fundou, ainda hoje existem o *Occidente*, o *Album de Gloria* e o *Antonio Maria*, a que deu o seu alento juvenil e progressivo.

Era uma grande necessidade da sua delicada organização de jornalista — lançar um jornal — segundo a sua phrase.

Acompanhei-o na intimidade de uma grande amizade quando fez apparecer o *Occidente*. Gosou então a plenitude de uma indizível felicidade.

Para a formação do segundo numero teve uma inquietação terrivel, afortunadamente vencida por um formoso exito.

Guilherme d'Azevedo encarregara o visconde de Benalcanfór de escrever um artigo que acompanhasse o retrato de D. Luiz I, que appareceria n'esse segundo numero. Mas Ramalho Ortigão que havia visto a gravura no atelier do Alberto, offereceu-se a Guilherme d'Azevedo para a encaixilhar na sua prosa. Guilherme aceitou logo sem o prevenir dos antecedentes e comigo andou toda a tarde e toda a noite ruminando uma solução que o livrasse do compromisso com o visconde de Benalcanfór. O caso era grave e melindroso, e Guilherme d'Azevedo preferia a prosa afiligranada, aromatica e palaciana de Benalcanfór o dizer poderoso, viril e revolucionario de Ramalho.

Guilherme não dormiu n'essa noite e ás 7 horas da manhã seguinte procurou-me e levou-me

para a Aurea Peninsular onde fabricou uma carta para Benalcanfór, expondo-lhe a situação e pedindo-lhe para escrever o artigo sobre a rainha, cujo retrato devia sair no numero immediato.

Quando Benalcanfór respondeu satisfatoriamente e com uma delicadeza finissima, Guilherme teve uma das maiores alegrias da sua vida, segundo me disse. E com razão porque o artigo de Ramalho foi um acontecimento.

Este caso dá a medida do desenvolvimento com que Guilherme cuidava dos assumptos artisticos.

Mas ainda n'estes momentos de inquietação nunca o abandonava o bom humor e o gracejo.

Quando me foi acordar para o acompanhar á Aurea Peninsular, disse-me ex-abrupto:

— Venho dar-lhe uma nova terrivel! Vossê vae ter um desgosto que o mata!

E em phases progressivamente assustadoras pôz-me n'uma grave excitação.

— O que foi? que succedeu? — perguntava-lhe eu até que cancei.

Quando me viu desesperado e só então explicou:

— O que foi? Magalhães Lima na noute passada ao deitar-se debruçou-se sobre uma das suas botas, e cahiu-lhe no pégo! Não ha esperanças de o salvar.

Estas botas foram durante uns bons trez mezes alvo dos tiros do seu fulminante espirito. Eram umas botas de montar a cavallo, com que Magalhães Lima apparecia no Chiado, umas botas vulgares, mas que saltaram aos zygomaticos de Guilherme de Azevedo.

— Tinham sido feitas para calçar a Italia, disse. E não para os pés de um tribuno.

Na convivencia larga que tivemos, assisti e gosei uma das suas mais profundas alegrias. Havia-se congrassado com Guerra Junqueiro, e em seguida á ceia das pazes dei-lhes um jantar. Elles que se adoravam tanto como se admiravam, depois de uma separação de mezes, tiveram expansões de um fulgor de espirito verdadeiramente olimpico.

Parecia que cada um tinha necessidade de mostrar ao outro que o interregno da affeição não diminuirá o fogo do talento. Foi um jantar como no Parnaso e acabou pela leitura de trechos da *Sombra de Jehovah* por Guerra Junqueiro na sua caprichosa residencia da Rua do Alecrim.

E eu, como um pintainho, sob as azas d'aquellas formosissimas e deslumbrantes intelligencias sentia-me n'uma temperatura doce que agora não poderei reaver, pela crueldade da desazadora Parca.

É triste; profundamente triste sentir a falta de um bom amigo. Mas offende que a morte venha de uma creatura tão alegre e que tanto fez rir, arranjar um justo e dominador motivo de pranto.

As expansões risónhas, coccenhas, humoristicas, envolviam-no sempre:

— A viagem á Roda da Parvozia socobrou. Entretanto deixe que Gil Vaz tenha o orgulho de uma queda tão estrepitosa! O Biester nunca cahiu assim!

Eis como me communicou aquella celebre desastre. Agora de todo aquelle meca-

nismo de ironia, de satyras profundas, de casquinadas demolidoras, nada resta que funcione. Mas vivem ainda e viverão larga vida as suas obras gentis, como tarde se extinguirá a adoravel recordação d'esse rapaz tão affectuoso como digno.

CARLOS FARIA.

A IRREVERENCIA NAS EGREJAS

As recentes solemnizações da semana santa acabam de pôr em aspero relevo a insolencia da descrença religiosa, da ignorancia brutal e da falta de civilidade.

Além da algazarra permanente com que se perturba o respeitoso silencio devido ao templo, o esforço bulhento e atropellador para alcançár um bom lugar, a disputa descomposta e em calão de taberna por qualquer motivo, o tiroio de amendoads já por simples distração, já por pirraça, já por galanteio; já para prova de dextreza e força, o namoro por olhadellas, por apalhões e por directa ou indirecta conversação, emfim, as scenas reprehensíveis a que podem dar lugar os ajuntamentos, n'um recinto relativamente pequeno, de pessoas que vão para as egrejas com o mero proposito de se divertirem, eis n'um resumo o mais benevolo apontamento dos factos que alli offendem o decoro publico, a veneração das coisas sagradas, e a dignidade humana.

Accrescente-se o estrepito que a garotada faz nas noites de Trévas com as pedras no chão dos templos, e o martellar sobre pregos com que sugeitam perfidamente os vestidos das mulheres que protestam destemperadas e raivosas contra esta audacia selvagem, o borborinho com que se esgueira por entre a multidão para fugir á imminente correcção; accrescente-se quantas turbulencias pôde pôr em pratica um gaiato em occasião propicia; e iremos achando na palheta as cores aproximadas da pintura dos successos normaes das egrejas nas solemnidades da semana santa.

Na igreja de N. S. da Gloria, no meio do templo, um grupo numerozo de alarves de ambos os sexos com vozes escandalisadoras macaqueava em gargalhadas avinhadas e escarnicadoras as volatas de uma artista do theatro da Trindade, de Lisboa, que cantava no côro acompanhada pela orchestra; na impossibilidade de comprehenderem as delicadezas da musica, e no proposito desvairado da troça insultavam a cantora; o respeito sagrado, e a propria dignidade de pessoas, de seres que tem a responsabilidade, a obrigação de saberem o que fazem.

Um demarcação de logares por sexos, ou por categorias sociais, que se estilam, são sempre pretexto para exprobrações virulentas, para declamações grosseiras de uma democracia acida e corrosiva; e produzem inevitavelmente scenas indecorosas, cuja culpa se reparte por quem determina essas distincções sem fundamento e por quem grosseira e violentamente se insurge contra ellas.

Estes factos que são da observação geral, que andam fresco

e com uma vitalidade perigosa no nosso meio, que nos offendem, e que são um documento flagrantemente vergonhoso do nosso estado mental, — estes factos merecem ser considerados e tomados na maxima conta. Seriam indifferentes se não marcassem bem a nossa miseria de educação moral, a impudencia da impune irreverencia, e a indesculpavel ignorancia de selvagens. Succede, porém, que nas sociedades onde as crenças religiosas se fazem alvo do motejo publico, do desdem superiormente insolente, e dos ataques loucamente ferozes da inconsciencia,ahi decresceu, rebaixou-se, soterrou-se o nivel do respeito pelas cousas sagradas, e então a honra da familia, o decoro do homem, a inviolabilidade da mulher, a consideração pelas creanças e pelos velhos passam para a classe de topicos irrisorios, ridiculissimos, despreziveis; e por este caminho chega-se depressa ao prostibulo, á taberna, a Sodoma e á Serra Morena.

Se os padres não cuidam de dar uma direcção humana á sua influencia, se as mães não se desvelam em levantar o espirito de seus filhos, e se os chefes de familia não zelam o manutencão do respeito em toda a parte, na rua como na sala, na igreja como no quarto, os templos nos dias de solemnisações transformar-se-hão em circos, e ficarão expostos ás mais torpes irreverencias. E n'este caso a qualquer homem de bem, que se preze, e que esteja acostumado a fazer-se respeitar, ser-lhe-ha indispensavel ir munido de um poderoso arrocho para os lugares onde antes bastava penetrar com o espirito socegado.

Prohibir as festividades religiosas de noite é uma questão de policia mais importante do que fechar as casas de jogo, porque n'estas o que periga principalmente é o bem estar economico, e aquellas trazem perturbações profundas na ordem moral.

Mas não basta fechar os templos de noite; é preciso policia-los de dia.

A missa das 11 horas, nos domingos e dias de festa, na igreja da Misericordia, é um motivo de escandalo religioso, e um attentado social. Vae-se alli para conversar, para bisbilhotiar, para namorar, por dandysmo, para expôr trajos novos. Ha tambem quem vá por velocidade adquirida, pelo costume de ir á missa. Poucos serão os que religiosamente assistem áquelle acto sagrado.

Os mais sinceros contentam-se com a fallacia entermeada de genuflexões e persignamentos.

A missa das 11 dá um ponto de reunião para a elegancia da terra, para os mandriões, e para os teiosos que não sabem em que empregar o tempo. E tanto isto é verdade que, se, em vez de ser rezada ás 11 horas, o fosse ás 9, os seus frequentadores desapareceriam.

Não ficaria mal a um vigario geral fazer esta experiencia, e talvez lhe corresse a obrigação de ordenal-a, porque lhe incumbe zelar pela reverencia religiosa.

CARLOS FARIA.

um d'estes caracteres honrados, leaes e dignos como poucas vezes se encontram no convivio da sociedade. No trato da familia era dedicado, affectuoso e exemplar.

Regeu durante alguns annos as cadeiras de francez e inglez no lyceu nacional d'esta cidade, e ultimamente, pela suppressão da aula de inglez n'este lyceu, regeu apenas a de francez até ao momento em que a terrivel enfermidade o impossibilitou, manifestando sempre grande tino scientifico e litterario, de que deu provas em diversas occasiões.

O finado era um cidadão intelligente, bondoso e gosava da estima e sympathia dos seus conterraneos.

Aos srs. Carlos Faria e Mello e Egberto de Mesquita enviamos os nossos sentidos pezames pelo transe doloroso por que acabam de passar com a perda d'um thio estremecido.

GAZETILHA DA SEMANA

Terça feira no theatro Houve um pagode chinez, Foi o diabo a quatro Por cauza do entremez.

Houve scenas curiosas Lá dentro, nos corredores Pareciam «pavorosas» Formadas por vendedores

Eram palmas, assobios, Muitos bravos, pateada, Os actores em calafrios! Ai Jesus que chinfrinada!!!

E vós crueis corações Figados de guarany, Pompaes os vossos tacões E lembrai-vos do

CRI-CRI

MEU CRI-CRI

Dás licença, posso entrar? Dispensas-m'um instantinho Pr'a poder cavaquear?

Cá estou, agradecido; Vamos agora á historia; Não ficaste enternecido Com a festança da Gloria?

Foi uma festa estrondosa, Nada pr'a isso faltou, Pois a tal Cruz luminosa?!... Quantas saudades deixou!

Até um santo appareceu Cá na terra das enguias, Não sabiu porem ao Ceu Como em tempo santo Elias

No carro ponde elle entrar E até o fogo accender Porem não ponde avançar Por deixar fugir Esther.

Foi um santo maganão Embora ponde feliz, Pois no melhor da funeção Vae deixar fugir a actriz!...

Foi Elle, o bom do santinho E talvez por distracção Que compoz o artiguinho Que sahio no Campão

Foi tambem a sua penna Que com ar todo contricto Redigiu para a pequena Elogios no Districto.

Basta porem de massada Deixe-se em paz o banana. Fica esperando a consoada O teu amigo

BRAZ TISANA.

CARTAS

Lisboa 14 de abril

Não recebemos hoje carta do nosso correspondente da capital. Extraímos por isso d'alguns jornaes as noticias que se nos affigiram mais interessantes:

—Falla-se em crise, porque se diz que Serpa e Hintze estão envergonhados por causa do desprezo a que a França os votára, por

que só de desprezo os julgou dignos; mas o peor é que o paiz é quem soffre as consequencias. Com que então estão envergonhados? Mas a vergonha poder-se-ha casar com politicos d'aquella fimbria e d'aquella moralidade?!... E o do cavaquinho ficará? Não é provaavel, porque além dos compromissos é preciso um novo emprestimo. Este será contraído pelos progressistas e constituintes, que trincarão a percentagem e as luvas, para elle o comer depois—se ainda houver tempo. Tudo induz a estes bellos resultados. Os bons patifes estão todos de accordo—embora finjam o contrario.

Assim! assim! rapasiada fina. —Calcula-se em 890 contos as despezas que a real familia projecta fazer nos seguintes divertimentos:

Para assistirem suas magestades á inauguração do caminho de ferro da Beira, demorando-se em Mangualde, e um dia na Guarda, despeza orçada—100:000\$000.

Uma parada por occasião dos festejos do marquez de Pombal, para distrair as attentões do povo, despeza orçada—90:000\$000.

Já se estão preparando os apartamentos no palacio do sr. Gonçalez, em Jerez, para a proxima visita dos reis de Portugal, despeza orçada com esta passeata real—400:000\$000.

Por esta occasião irá em digressão á Hespanha, França e Italia, o Anjo da caridade com o archanjo seu filhinho, despeza orçada—300:000\$000.

—Quando se discutia a negociata Torres-Burnay, o sr. Vaz Preto soltou a seguinte phrase:

«As verdadeiras barreiras que defendem os pequenos estados de uma invasão, são o bom senso, a boa administração e sobretudo a moralidade por parte dos governos.»

Devia escalear-lhe por força os labios.

—O fiscal do governo junto ao theatro de D. Maria II. prohibiu á ultima hora a conferencia em homenagem ao marquez de Pombal, que devia realizar-se no salão d'aquella casa d'espectaculos no domingo proximo passado e da qual era conferente o sabio professor do curso superior de letras, o dr. Theophilo Braga.

HYGIENE

Habitacões

Se te é permitido escolher local onde habites, procura casa longe de pantanos e lodacões. Os vapores que elles exhalam são causa, quasi sempre, de febres intermittentes.

Se tens de morar perto d'elles, escolhe casa em sitio, que fiques entre os pantanos, e o ponto donde o vento costuma mais vezes soprar. Escolhe-a, se poderes, a meia encosta d'algum monte.

Se a tua profissão te obriga a estar, durante o dia, nas visinhanças do logar pantanoso, recolhe-te em casa de noite, usa fato de lã, come bem, sobre tudo carne, toma caffè, e bebe vinho forte com prudencia.

Não habites, se podes, em casa humida, para que te não persigam catharros, e rheumatismo.

Não mores em casa pintada de fresco que, além da humidade, o que já não é pouco, póde ter em vapores algum corpo venenoso, que as paredes exhalam.

Não faças montureira á porta da casa. Ganhás calor, e perdes saúde.

Não tapes as portas e as janellas de maneira que deixe de haver ventilação. Quando a casa está bem fechada, o ar de fóra não entra, a atmosphera de dentro não esfria, mas corrompe-se e prejudica a saúde.

Se tens fogão não feches as portas. Alguns instantes de commoidade talvez, se o fizeres, custem caros.

O uso dos brazeiros, em casa mal ventilada, é perigosissimo.

Em quarto fechado não debes ter flores, nem almiscar, nem queimar alfazema, ou alecrim em quantidade.

Se escreves, ou trabalhas muito em

gabinete, não conserves a casa muito quente. Se o fizeres, expór-te-has a molestias de pulmão, e a congestões cerebraes.

Os quartos das creanças devem ser quentes, e bem lavados pelo ar.

Se fizeres casa não te esqueças de que são teus irmãos os que hão de habitá-la. Não deixes fazer aleva pequena. Antes o seja a sala. Não consintas má ventilação. Manda abrir bastantes janellas, e rasgadas, porque a luz é vida. E, se podes, manda construir pias, por fóra da casa, para que não entre para dentro o mau cheiro.

Tem cuidado em conservar sempre bem vedados os tubos do gaz.

Inquielino, ou proprietario, concorre com todas as tuas forças para que se acabem os canos das ruas, para que se effectue o encanamento das aguas, e para que tambem sejam reparadas as ruas por onde não passam ministros, nem camaristas.

VARIEDADES

Como se deve escrever a historia

Os nacionaes e estrangeiros, que glorificaram Herculanio como pae e fundador da historia, não fallaram dos imbecis. Modelo no genero dá-nol-o o reverendissimo padre mestre fr. Henrique de Noronha, presentado na sagrada theologia e provincial que foi da ordem do Carmo, e prior dos conventos de Lisboa e Camarate, na historia que nos deixou do seu oitavo avô, o rei D. Pedro I:

«Prodigio: Poucos dias antes da sua morte se viram prodigios grandes no ceu, porque as estrellas desencanaçadas do firmamento parece que voavam d'uma a outra parte, correndo tão atropeladas, que geravam no ar maravilhosos incendios, e na terra uma confusão immensa.»

«Prodigios do ceu quando morre um Pedro! Sem duvida que ha favores. No juiso universal do mundo diz o volume sagrado que hão de cair as estrellas do firmamento afim de avisar aos homens do seu ultimo fim: no juiso particular de Pedro cáem as estrellas para dar signal de que morre Pedro; tão cuidadoso se mostra o ceu em prevenir a Pedro o seu transito, como em advertir ao mundo do seu acabamento; parece que lhe vae tanto em Pedro como em todo o mundo.» E mais adiante:

«Tambem podia ser que alegre o ceu pela companhia de Pedro, que esperava, quiz festivamente fazer foguetes das estrellas para celebrar o seu contentamento.» Continuando sempre na mesma afinação.

E digam agora que Voltaire não foi um contrapezo indispensavel, necessario e fatal no equilibrio da Providencia.

Eduardo Arvins.

Noticias de Belem

A camara d'este malfadado concelho, a que chamam camara-remento-mistiforio de D. Xarope-Vinagre-Caninas-Guedes-Solla e C.ª continia a promover escandalos com a sua gerencia faciosa e torpe.

A mesma camara perguntaremos o que resolveu com respeito á tramoia que estava preparando ao sr. Sequeira, chefe fiscal, a quem pretende mudar para administrador do novo mercado, anichando no lugar de chefe-fiscal o sr. vereador dos emplastos, ex-caixeiro do D. Xarope e pharmaceutico em Odivellas. Como o lugar de chefe é mais rendoso querem assim premiar os serviços um galopim eleitoral, preterindo descaradamente os interesses d'um homem, cuja antiguidade n'aquelle emprego devia merecer-lhes alguma consideração.

Egualmente perguntamos qual o motivo porque mandou calcetar a rua da Cadeia e suas travessas, deixando de o fazer na rua do

Caes, muito mais intransitavel do que aquella, não obstante ser uma rua seguida immediatamente da outra? Ainda mais. Para que mandou calcetar na mesma rua do Caes uma distancia de cerca de 4 metros só para aformosear a testada de um armazem do sr. Valladares, por apellido o Vinagreiro, vereador?

A camara só prova com isto que tem em vistas apenas os interesses dos seus amigos politicos.

—E' inutil pedir providencias á auctoridade para as casas de batota. A policia fecha os olhos, attendendo a que os batoteiros são todos graúdos.

—Outra de um padre. Um vendedor de fruta, que mora na rua da Cadeia, em Belem, tem uma filha de cerca de 15 annos de idade. O pae mandou que se fosse confessar á igreja dos Jeronymos, e o padre entre outras cousas perguntou-lhe—onde morava, se tinha familia e em que se empregava o pae.

—Morreu ha dias, com bexigas, um filhinho do nosso presado amigo o sr. Manuel Martins Mendes. Sentimos profundamente a dor que tanto o magoou e a sua ex.^{ma} esposa.

M. D.

Expediente

Aquellas pessoas a quem enviamos hoje pela primeira vez o nosso jornal, rogamos o obsequio de, não querendo assignar, o devolverem á redacção com a maior brevidade e acompanhado com a cinta que o envolve.

Mais sangue.

O verdugo do Norte acaba de ordenar o supplicio dos nihilistas que assassinaram o general Strelmikoff, em Odessa, aonde havia ido com o fim de instaurar mais processos contra os nihilistas.

O processo, se tal nome merece, foi summario, como o tem sido quasi todos, quando o czar assim o deseja.

E' horrivel o estado anarchico em que se encontra a Russia. Alli debatem-se dois elementos essencialmente heterogeneos, e que se odeiam profundamente. São dois inimigos, que no seu choque fazem correr rios de sangue. São dois governos revolucionarios completamente deslocados da orbita legal, com os seus respectivos tribunaes, codigos, carrascos, etc. E' um tumultuar horroroso por todo aquelle vasto imperio, que assenta n'um vulcão que ainda não irrompeu de todo.

O sanguinario imperador quer a todo o transe fazer vingar a sua causa, a causa dos despotas, dos verdugos, dos malvados; os justiceiros nihilistas pretendem levar á Russia, aos seus concidadãos, a liberdade, a paz, o bem, a moralidade e a justiça—todo este ideal tão sympatico á humanidade; mas o autocrata recalitra, porque não admite a doutrina do Christo que expiou no alto do Golgotha os beneficios incomparaveis que legou ao mundo.

O czar continúa nas suas atrocidades, e os nihilistas redobram de audacia. Ao assassinio respondem com o assassinio. E ou o imperador ha de desistir das suas já hoje impossiveis pretensões, ou será envolvido n'um dia mais ou menos proximo, nas ondas de sangue, que submergirão na Russia.

O partido progressista, pela bocca do sr. Saraiva de Carvalho, prometteu abulir o imposto sobre o sal, logo que empolgasse o pe-nacho.

Os jornaes d'esta grey agitam as bandeirinhas, e todos á porfia empregam a sua estafada rhetorica para armar ao effeito.

Chegam a ser supremamente ridiculos. Progressistas, regeneradores e constituintes empregam os mesmos meios para conseguirem os mesmos fins.

E o inquerito ás secretarias! Promettestes evidenciar os roubos que lá havia! Sois todos eguaes, intrujões! Quem não vos conheceu. O peor é que a pobre nação vae-se afundindo com o pezo dos crimes.

Enterrou-se civilmente em Paris o malogrado litterato portuguez Guilherme d'Azevedo. Uma pleiade de amigos e admiradores do findo conduziram o seu cadaver á ultima morada, no cemiterio de Santo Ouen.

Foi censuravel o procedimento dos nossos representantes na capital da França, pelo desdem servil que lançaram á memoria do nosso compatriota.

Falla por nós o *Seculo*, em cujas expressões o acompanhamos:

«Duas coisas ha principalmente a registrar n'este enterramento: a completa ausencia de padres, e o afastamento voluntario das auctoridades portuguezas. Guilherme de Azevedo não era nenhum commendador endinheirado. Além d'isso era um espirito forte, independente e uma elevada consciencia democratica. As legações ostentosas, que nos levam algumas dezenas de contos por anno e os consulados ridiculos não se fizeram para gente d'esta ordem. Se Guilherme de Azevedo fosse compadre do sr. Fontes ou de qualquer figurão monarchico era natural que o sr. consul não allegasse uma doença de estomago para não comparecer e era naturalissimo tambem que o sr. ministro não respondesse ao convite com uma carta banal e de simples evasiva.

Mas o nosso amigo era republicano por temperamento; detestava por igual a lisonja e a adulação servil dos magnates. Nem sequer os visitava. E por isso se comprehende tambem que uma parte da nossa imprensa fosse tão parca nas suas palavras.

Nós suppunhamos que estas auctoridades tinham deveres rigorosos a cumprir para com os portuguezes, ali residentes. Enganamo-nos porém. Morria um dos nossos melhores jornalistas, que tinha comido, o defeito de não pertencer á grey dos fidalgos de el-rei. Entenderam as auctoridades que não carecia de cumprimentos e dispensaram-se de o acompanhar á sua ultima morada. E' conveniente que o povo fique ao menos sabendo por que forma os seus dinheiros são malbaratados e para quê.»

Realizou-se no domingo em Lisboa, no theatro do Rato, a segunda conferencia a proposito do marquez de Pombal pelo dr. Theophilo Braga. O governo prohibiu que esta tivesse lugar no salão do theatro de D. Maria. A sala estava completamente cheia e o conferente foi entusiasticamente applaudido.

Vamos entrar no desaforo das perseguções religiosas.

Está levantado nm auto contra o numero 149 do jornal o *Antonio Maria* por uma parodia relativa á cça e amoldada á politica da actualidade.

Portanto temos perseguções inquisitoriaes em virtude de offensas á religião do estado?

O sr. Arrobas não tem por cer-

to o ancephalo no seu logar. Este favorito do paço é um soberbo republicano inconsciente entre os mais leprosos lacaios da monarchia.

Em S. Martinho de Salreu, o povo promoveu uma montaria em forma a alguns missionarios que ha já algum tempo estacionavam n'aquelle lugar, fazendo as suas predicas subversivas e idiotas perante um mulherio ignorante e fanatisado.

Aquella pobre gente não tendo outro expediente para se ver livre dos taes malandros de roupeta, que estonteavam o juizo ás suas mulheres e filhas, que não faziam mais do que andar de casa para a egreja, preocupadas e renitentes, despresando prejudicialmente todos os cuidados e commodidades domesticas, reuniu-se em uma *troupe* consideravel, ameaçando seriamente os *santarrões* até os obrigarem a assentar-se.

A religião vae dando bons exemplos de conveniencia e utilidade. Se ella é um freio, meus senhores, um freio para os pobres de espirito!...

O conde de Samodães, um dos mais sanhudos reaccionarios que conhecemos, membro influente da associação catholica, redactor do jornal a *Palavra*, do Porto, e um dos chefes do partido constituinte n'aquelle cidade, está publicando um livro de encomenda contra o centenario do marquez de Pombal. O partido constituinte vae-se acreditando perante o paiz e a opinião publica com uma d'estas manifestações retrogradas e anti-patrioticas de um dos seus cabecilhas mais insignes e auctorizados.

O sr. Dias Ferreira, reprehenda o *mano*. Olhe que assim vae mal.

Consta-nos que em Formelã, um padre commettera o duplo crime de fazer abortar uma mulher com um pontapé. O feto morreu e a outra victima da brutalidade d'aquelle monstro acha-se perigosamente enferma.

O tal reverendo tem os mais hediondos precedentes, e ha tido a felicidade de escapar á punição de quasi todos os seus muitos crimes. Dizem-nos que os habitantes da freguezia onde reside aquelle tigre se cotizaram para dar mais rapido andamento ao processo que já lhe foi instaurado.

O tal padre, pelas suas *aventuras*, tornou-se legendario. Contam-se d'elle scenas curiosissimas, e em todas ellas transparece a velhacaria caracteristica do seu actor. Ahi vae uma para amostra:

Em paga dos seus *bons serviços*, resolveram uns sujeitos fazer-lhe a montaria n'um certo sitio, onde elle devia passar; porém desconfiando, e para prevenir qualquer eventualidade, o nosso heroe fazia montar no seu cavallo o pobre creado que sempre o acompanhava, tomando elle o lugar d'este, e assim tornava aquelle o alvo das balas dos seus *amigos*. Por felicidade não se realisaram as suas previsões.

Recommendamos ao Vaticano a canonisação d'esta *santo*.

Dizem-nos que vamos ter uma série de touradas no campo de S. João nos meses de junho e julho proximos.

Não remediamos o mal com as nossas observações; porém impugnamos taes divertimentos, porque nos aproximam dos selvagens, embotando a suavidade dos bons costumes, que são o apanagio dos povos civilisados.

O tempo se encarregará de extirpar tão depravada predilecção pelo repugnante espectáculo das touradas.

Na moderna republica dos Estados Unidos foi ainda ha pouco tempo negada licença a um explorador que tentava implantar alli este *edificante* passatempo.

A questão das medalhas provocou umas cocegas serodias ao *Districto de Aveiro* no seu ultimo numero. O amor politico ao sr. governador civil levou algum dos colaboradores d'aquelle jornal a atirar-nos uma pedrinha muito de mansinho e com toda a cortezia da etiqueta. Disse lá que a *questão das fitinhas não era de todo indifferente aos amantes da republica*.

Ora essa! Pois nós por instarmos para que se fizesse justiça, para que se desse o seu a seu dono, para que tivessem em alguma consideração os serviços e dignidade de alguns individuos que fizeram tanto ou mais que os agraciados na extincção do incendio, nós pedimos por ventura algumas *fitinhas*? Com que auctoridade e em virtude de que documento se vem argumentar com o servilismo do pedido e com a necessidade das medalhas? E quem lhe diz que os não agraciados não recusariam essas medalhas? Que não responderiam com ativez e dignidade, despresando uma recompensa superflua que as mais das vezes não traduz fielmente o merito do individuo galardoado?

O sr. governador civil é o primeiro culpado. Os informadores tambem o não são menos. Mas o sr. governador civil é o que apresenta, é o que pediu, é o intermediario entre aquelles e o governo. Logo este devia ter tractado este negocio com seriedade, com conhecimento, com tino e com imparcialidade. E s. ex.* não fez nada d'isso. Limitou-se a pedir medalhas!

Vem-nos então dizer que nós queremos *fitinhas*? O que nós queremos é justiça. O primeiro disparate partiu da exigencia das medalhas. Os honrados artistas que dispensaram ousadamente os seus serviços n'aquelle occasião tinham de certo a consciencia nitida do seu dever para se darem por satisfeitos com o cumprimento desinteressado e amplo d'esse mesmo dever.

Não é verdadeira a noticia que os dois jornaes monarchicos da localidade deram de ter fallecido o sr. Miguel Alexandre de Magalhães.

Folgamos em poder afirmar que um dos nossos amigos, com quem tão intimamente viviamos, ainda é do numero dos vivos.

A convite do sr. administrador do concelho reuniram-se cinco ou seis individuos apenas de quinze que eram, na sala da administração para ouvirem a leitura d'uma portaria do governo, uma portaria de louvor e agradecimento pelos serviços prestados por estes na occasião do incendio do convento de Sá.

E' peor a emenda que o soneto. O sr. governador civil anda de certo a caçoar com aquelles individuos?! E o sr. administrador do concelho presta-se a um papel de comparsa de tão pouco folego?! Isto vae tudo assim. Farça sobre farça, comedia sobre comedia. Que grandes pandegos!

A irmandade do Santissimo da freguezia da Gloria votou um agradecimento pomposo e monu-

mental nos jornaes em que se declara grata em letra redonda a uns poucos de sujeitos por obsequios dispensados áquella, mencionando as auctoridades locais por terem concorrido para que os *actos religiosos corresse com o socego devido*.

É um expediente delicado para soltar uma mentira. Todos sabem a seriedade, a ordem, o socego, o respeito e a devoção como tudo aquillo correu. N'uma taverna não se estaria nem mais incommodado nem tão pouco á vontade.

Um pagode finalmente. A sacra irmandade manifestou tambem o seu eterno agradecimento ao sr. Antonio Maria Alves da Roza, pela faina que desenvolveu no adorno dos altares e mais que tudo *por lhes ter emprestado a sua cruz luminosa*.

Isto é muitissimo engraçado! A irmandade do Santissimo fundamente perfeitamente o seu eterno agradecimento.

N'um dos intervallos do espectáculo de domingo no Treatro Aveirense presenciamos um facto que revela caracteristicamente o pouco tino e seriedade do individuo que o promoveu.

O sr. Cesar de Sá, delegado do procurador regio, com aquelle arreganho e impetuosidade fogosa e superioridade nulla que todos lhe conhecemos agremetteu de improviso, ex-abrupto contra o sr. administrador do concelho n'uma descompostura directa e violenta, por um caso de fiscalisação administrativa que a auctoridade immediatamente providenciaria se lhe fosse presente o escandalo.

Mas o sr. Cesar de Sá appareceu furibundo, implacavel e ameaçador. Este sr. que n'uma das sessões d'assembleia geral do mesmo theatro declarou formalmente que era irresponsavel pela policia d'aquella casa, que como director não tinha n'esta parte a menor ingerencia, patentando o contrario do que affirmara então, manifestou a incoherencia do seu caracter e a pequenez do seu espirito pouco conciliador. O sr. Cesar de Sá que nas noites das borracheiras carnavalescas não tinha o direito e o poder para se impôr aos rebeldes e desordeiros, que assistiu de braços cruzados meditabundo e estatico ao vandalismo que lá se desenvolveu, sahio-se á ultima hora com um destempero picaresco e irritante contra o sr. administrador simplesmente por elle não poder ser infinito e como Deus não estar em toda a parte!

A auctoridade não merecia n'estes casos a sua accusação resaiviada e a sua inconveniencia clamorosa. Tinha-se ausentado da sala do espectáculo e sahido para os corretores justamente na occasião em que a maioria do publico se levantava e sahia tambem. A auctoridade cumpriu o seu dever. E o sr. Cesar de Sá é que foi provocante, offensivo, comico e theatral.

Os jornaes monarchicos da localidade occuparam-se detidamente, massadoramente com a narraçao das solemnidades catholicas da semana santa.

Foram soberbos e pandegos no brilhantismo languido e poetico como descreveram os padres, a armação, os veludillos, as flores, as luzes, o incenso, o perfume do rosmaninho, a excellencia portentosa de Esther, etc. Ambos os jornaes distribuiram elogios gratuitos a torto e atravez, á irmandade, aos prégadores, ao sr. Francisco Gamellas, ao diabo. Descreveram, phantasiando, as passeiatas da actriz Esther, os *pic-niks*, os jantares, as ceias, as dadivas, e foram

sempre ao correr da penna muito lisonjeiros, muito galanteadores e muito *sopeiros*. No entusiasmo intimo do elogio cobriram de *pomada* a todos e a tudo. Foi um delirio de *pomada*.

Pomada e mais *pomada*. O' collegas, não de concordar que fizeram rir.

O prior da freguezia da Gloria está sempre na brecha quando se trata de dar com a porta na cara aos republicanos e *hereses*. Elle não consente que os livre-pensadores sejam padrinhos das creancinhas innocentes que as conveniencias e preconceitos da sociedade e as phantasias da tradição armeçam para a pia do baptismo. Elle incute no animo dos eleitores timoratos e analfabetos que é um crime, uma impiedade e um sacrilegio ir votar com os republicanos nas eleições camararias; que todo o convívio e intimidade com esta gente é uma ameaça do ceu, um anathema de Roma e um esconjuro da Egreja.

Elle insta com o sr. vigario geral para supprimir o *santo grande* na procissão de *Corpus Christi*, o *santo immoral*, de perfil provocador, um perfeito manequim de comedia em abono da seriedade e da dignidade catholica e religiosa. Elle mostra-se intelligente, assiduo, factil, habil conhecedor das baixezas do seu tempo e do meio em que vive; elle insinúa-se, impõe-se e domina. Elle é um padre transcendente, um galopim experimentado, um fundo de reserva do *gran-jolismo* da terra, uma especie de *salva-vidas* do partido progressista, um jesuita disfarçado enfim.

Vem tudo isto a proposito de um disparate do tal reverendo prohibir ao cura, que andava na *colheita do folar*, como vulgarmente se diz, de entrar em casa d'ama sua parochiana pelo simples facto, unico, extraordinario e heretico d'aquella pobre mulher ter em sua companhia uma rapariga que é protegida pelo senhorio da casa, um republicano, um livre-pensador, uma alma desprendida das truanices catholicas e das sensibilidades da devoção.

Ora isto n'um padre que inculca illustração, desprendimento e progresso, é d'uma ironia detestavel, irritante e piegas!... Que culpa tem a pobre mulher de que o senhorio seja republicano e neo-catholico?

Este digno sacerdote que não tem o prestigio, a força e a dignidade de coibir o escandalo e a devassidão no templo, que deixa aos fiéis a livre expansão da arruaça e do tumulto nas solemnidades da semana santa tem agora a perfidia reservada de atormentar uma pobre mulher create e inoffensiva exclusivamente por um facto d'esta ordem!

Se estivessemos no tempo do marquez de Pombal talvez este audacioso ministro correspondesse ao vosso puritanismo catholico e ultramontano com o valente azorrague com que o Nazareno expulsou do templo os egoistas e os merce-narios.

Subiram á scena no theatro Aveirense, nas noites de domingo e terça-feira os dramas *O Sargento-mór de Villar* e o *Grumete*, e as comedias *Os Estudantes de Coimbra* e a *Espadellada*, por uma *troupe* de artistas de Coimbra.

O desempenho por parte de Adelino Veiga no papel de *De profundis* foi brilhante, consciencioso e bastante fiel.

Nas comedias tambem foi correcto e manifestou uma perfeita vocação para actor. Dos de mais curiosos ainda dois foram regulares. Das mulheres não fallamos.

Fröbel é o título de uma importante revista que se vai publicar em Lisboa, devendo sair o seu 1.º n.º no dia 21 do corrente para comemorar o centenario do immortal pedagogo allemão, Fröbel. É uma obra de muito alcance, e que aproveita principalmente aos professores primarios e ás camaras municipaes, cuja attenção chamamos para o annuncio que vai na secção competente.

Recebemos e agradecemos o 1.º fasciculo do romance historico *Mysterios da Alfama*, original do maozlogrado escriptor Xavier de Paiva.

ANNUNCIOS

VENDEM-SE

As casas que foram do fallecido José Fernandes Melicio, na rua Direita, com os n.ºs 43, 45 e 47.

Trata-se da venda com seus herdeiros.

LIVRARIA

MELLOS GUIMARAES

HISTORIA DE FRANÇA, popular e illustrada, desde os tempos mais remotos até aos nossos dias, por Henri Martin. — Tradução revista e annotada por Pinheiro Chagas. Cada caderneta de 16 paginas, 60 reis; cada fasciculo 32 ditos, de 120 reis.

A HISTORIA UNIVERSAL, illustrada, edição de luxo e a mais economica que se tem publicado neste genero. Original do dr. Jorje Weber. — Tradução de Delfim Almeida. — Cada fasciculo com 5 folhas de 8 paginas em 4.º grande 100 reis.

O Marquez de Pombal pelo conde de Samodães. — Preço por assignatura, até 5 de maio 500 reis. D'esta data em diante 600 reis.

Assigna-se na referida livraria.

AVEIRO

OCOS

POR

ALBANO COUTINHO

Um volume em 8.º grande, edição nitida.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DE PORTO, LISBOA, E COIMBRA,

PREÇO 400 REIS.

Conselheiro

DO POVO

Manual Pratico dos cidadãos portugueses para cada um se dirigir e requerer por si, sem dependencia de procuradores, nos tribunaes e repartições publicas, segundo as Leis do Reino.

Sabiu á luz o 1.º fasciculo d'esta interessante publicação.

Acha-se á venda no kiosque do Rocio (lado norte)

Custa apenas 120 rs.

SINGER!

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

nas machinas da Companhia Fabril



— Rua de José Estevão, 26 e 28 —

Acaba de abrir-se nesta cidade um novo estabelecimento de machinas litiginas SINGER para familias, alfaiates, costureiras e sapateiros. Todas estas machinas se vendem tanto a prompto pagamento como a praso.

Grande abatimento nas vendas a prompto pagamento.

Em todas as machinas vendidas a praso dispensa-se a pres-tação de entrada, sendo o **500 reis** semanaes seu pagamento feito a

Todos os pedidos devem ser feitos a **JOÃO DA SILVA SANTOS**, na rua de José Estevão, 26 e 28.

João da Silva Santos
AVEIRO

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

Crystaes, mobilia e mercearia

DE

JOSE MARIA DOS SANTOS

RUA DIREITA

AVEIRO

N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de vidraça branca e de cor, molduras douradas e pretas, galerias, paters, stores, transparentes, copos, calix, garrafas, jarras, espeihos, candeiros e seus pertences.

O annunciante tem tambem á venda muitos artigos pertencentes ao ramo de mercearia, o que tudo vende por preços muito modicos.

SINGER! SINGER!

Machinas para coser, a prestações de 500 reis semanaes



Machinas para coser com 10 por cento menos, a prompto pagamento

QUALQUER QUE SEJA A MACHINA NÃO SE PAGA ENTRADA

As melhores machinas para costura que todo o mundo conhece e que nunca tiveram rival

GUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS LEGITIMAS MACHINAS DE COSER SINGER

SÓ SE VENDEM NA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-RUA DE JOSÉ ESTEVÃO-79

(Em frente do edificio da Caixa Economica)

AVEIRO

PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS COM LISTAS DE PREÇOS

Vende-se algodões, torcaes, agulhas, oleo e peças soltas a preços baratissimos

OS MYSTERIOS DA ALFAMA

POR

XAVIER DE PAIVA

Estão já publicados 3 fasciculos. Cada fasciculo 40 reis. Assigna-se para este interessantissimo romance no escriptorio da empresa, rua dos Calafates 93, — Lisboa.

FRÖBEL

REVISTA DE INSTRUÇÃO PRIMARIA

Esta publicação destina-se exclusivamente aos interesses da instrução primaria, do magisterio e ao movimento escolar de todos os municipios.

Além de artigos sobre pedagogia, occupar-se-ha detidamente da legislação sobre instrução primaria d'este e outros paizes; tratará as questões praticas do ensino elementary; dará gravuras e descrições de edificios para escolas e mobilia escolar, seguindo as melhores indicações da sciencia e dos paizes mais adiantados; informará de todo o movimento official do magisterio; publicará estatisticas nacionaes e estrangeiras que acusem movimento, frequencia escolar e outras; finalmente, esta revista, publicará a sua opinião em resposta a qualquer consulta, que lhe seja dirigida sobre questões, que interessem a instrução primaria e ao professorado.

O 1.º numero sairá a 21 de abril, dia do centenario de Fröbel, acompanhando do retrato, em gravura, do immortal pedagogo allemão.

Publicar-se-ha duas vezes por mez um numero de 8 paginas, formando cada serie de 24 numeros um apreciavel volume.

PREÇOS

Em Lisboa, provincias, ilhas e possessões ultramarinas:

6 numeros.....	400 reis
12 ".....	800 "
24 ".....	1600 "
Numero avulso	100 "

Para o estrangeiro accresce o porte do correio.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a rua Augusta n.º 183 ao gerente Anselmo de Sousa.

CALÇADO DE LISBOA

A fabrica de calçado Gomes & Filhos, com depositos em Lisboa, Coimbra e Porto, estabeleceu a sua filial ambulante n'esta cidade de Aveiro, na rua do Caes n.º 48 e 49, em frente da feira, e retira depois de 15 de abril. Vende calçado para homens, senhoras e creanças, algumas qualidades por preços excessivamente baratos.

Nos casos de falta previne-se de prompto, recorrendo aos depositos mais proximos do Porto ou Coimbra.

Incumbe-se de medidas e mesmo de encomendas para revendedores.

SINGER ALGODÃO
SINGER TORÇAL

FABRICADO expressamente para as machinas de coser. Vende-se a retalho e por atacado, com bom desconto e a preços baratissimos na **COMPANHIA FABRIL SINGER** 75 Rua de José Estevão 79. **AVEIRO**

Encyclopedia

REPUBLICANA

Revista de sciencias e litteratura ao alcance de todas as intelligencias

Publicam-se duas folhas cad-semana, pelo preço de 20 reis cada uma. Para o estrangeiro e possessões ultramarinas accresce o porte do correio.

Para fóra de Lisboa pagamento diantado, um fasciculo de quatro entregas semanaes pelo menos. Toda a correspondencia deve ser dirigida para o largo dos Mestros, 29 e 30 Lisboa, onde tambem se recebem assignaturas.

Typographia do

Povo de Aveiro

Rua Direita